

O MODERNO **JÁ** PASSADO | O PASSADO **NO** MODERNO
reciclagem , requalificação , rearquitetura

ANAIS DO III SEMINÁRIO PROJETAR

porto alegre , 24 a 26 de outubro de 2007

**A reinterpretação/analogia como princípio projetual:
uma experiência de rearquitetura em sintaxe moderna**

Hélio Costa Lima

Arquiteto, Doutor, Professor Associado do
Departamento de Arquitetura da Universidade Federal da Paraíba

Rua José Augusto Trindade 299/602, CEP 58.039-020
Tambaú, João Pessoa – PB
Fones (83) 3247-6446/9121-9871
e-mail: heliocostalima@ig.com.br

A reinterpretação/analogia como princípio projetual: uma experiência de rearquitetura em sintaxe moderna

Resumo

Esse trabalho propõe uma reflexão sobre a escolha de princípios norteadores do ato projetual, tendo como base uma experiência de rearquitetura de um remanescente original de um conjunto habitacional construído pelo Estado na década de 1950 em João Pessoa (PB), cuja linguagem arquitetônica incorpora, ainda que de maneira ingênua, elementos da sintaxe formal da arquitetura moderna, então em pleno vigor.

Palavras-chave: arquitetura moderna, rearquitetura, linguagem arquitetural

Abstract

This work proposes a reflection on the choice of the architectural design act's guiding principles, and it's based on an architectural rehabilitation experience of an original remnant of a housing estate built in the 50's, in which the architectural language embodies, even though in a naive way, elements of the modern architecture's formal syntax, then in full force

Key words: modern architecture, rehabilitation, architectural language

A reinterpretação/analogia como princípio projetual: uma experiência de arquitetura em sintaxe moderna

Introdução

Além do fato de inexistirem soluções unívocas para a intervenção em arquiteturas de interesse histórico, a dificuldade de se estabelecer uma plataforma projetual frente ao problema da coexistência do novo e do antigo se amplia, agora, em função do crescente interesse pela preservação de testemunhos arquitetônicos do passado recente. A superação do autismo das abordagens tradicionais em relação à preservação de obras modernas não é apenas uma questão de bom senso, depende também do desenvolvimento de um *corpus* metodológico, que permita estabelecer juízos críticos capazes de deslindar os signos constitutivos dessa matéria arquitetônica específica - isto não apenas no sentido do reconhecimento da sua forma imagem, mas também, como sugere Gregotti (1975), da sua *condição histórica de consumo*.

Nesse sentido, nosso trabalho propõe uma reflexão sobre a escolha de princípios norteadores do ato projetual, tendo como base uma experiência de arquitetura de um remanescente original de um conjunto habitacional construído pelo Estado na década de 1950 em João Pessoa (PB), cuja linguagem arquitetônica incorpora, ainda que de maneira ingênua, elementos da sintaxe formal da arquitetura moderna, então em pleno vigor.

Consideradas estas peculiaridades, ao nos deparar com uma demanda concreta de intervenção para renovação do uso e da imagem de um exemplar original do conjunto, vimos a oportunidade de encarar o desafio como uma missão didática. A documentação do processo e do produto desta experiência tem sido utilizada, na formação de arquitetos, como material para a discussão de métodos de seleção e conhecimento dos signos constitutivos da linguagem arquitetônica moderna, enquanto estratégia projetual de reciclagem, requalificação e arquitetura.

O conjunto, o exemplar original e a demanda do cliente

O conjunto habitacional da extinta Caixa de Pecúlios e Pensões do Estado da Paraíba, conhecido no passado como Conjunto da Caixa, hoje integra grande parte do bairro de Miramar em João Pessoa - área em acelerada valorização imobiliária, dadas as suas qualidades ambientais e sua posição privilegiada na malha urbana atual. Construído para funcionários públicos estaduais, esse empreendimento constitui um testemunho histórico/tipológico das políticas estatais brasileiras de habitação social, que, como outros similares seus, está em franca descaracterização.

O ímpeto de renovação da imagem arquitetônica do bairro, em função de uma rejeição aos seus padrões modestos originais, somado ao desinteresse pela sua preservação, tudo isso potencializado por uma forte valorização imobiliária, tem determinado um processo acelerado de descaracterização radical de sua arquitetura original. Novos usos (clínicas médicas, colégios, cursos universitários e de línguas, etc.) têm constricto o uso habitacional de origem,

particularmente nos bordos e proximidades das vias de maior fluxo de trânsito do bairro, redefinindo-o como área de prestação de serviços.

Esta renovação de usos e padrões está promovendo o apagamento gradual da feição original do lugar, cuja singularidade reside numa sintaxe arquitetônica que se poderia assimilar ao que Lara (2005) chama de “*modernismo popular*” (ainda que, no caso, o projeto seja da lavra de projetistas e engenheiros do estado), ou àquilo a que se chamava, na época, muito propriamente, de “*estilo funcional*” (figura 01).



Figura 01

O padrão modesto das casas originais do conjunto é, em muitos casos, objeto de rejeição por parte dos proprietários: a maior parte das reformas e adaptações nelas realizadas exprime claramente a intenção de suprimir suas feições originais, em favor de uma fisionomia arquitetônica mais de acordo com a “moda” (figura 02).



Figura 02

Mais raros são os casos de preservação intencional dos traços originais, restando destes alguma memória em exemplares afastados das zonas de maior interesse imobiliário, situados em ruas menos movimentadas, ainda pouco cobiçadas pelo comércio e pelos serviços, e cujos proprietários, ao que parece, não têm condições financeiras de modificá-las (figura 03).



Figura 03

No vórtice da renovação de usos e padrões arquitetônicos do Miramar, como corolário da sua valorização imobiliária, a casa número 337 da Rua Manuel Gualberto (figura 04) foi adquirida em 1995 para fins de instalação de um consultório de psicanálise. A demanda do proprietário incluía a expectativa de renovação radical da imagem arquitetônica do imóvel - tal como tem sido a tendência das intervenções no bairro, “justificadas” pela necessidade de uma qualificação das instalações compatível com a fatia de mercado consumidor, a classe média alta, para a qual estão voltados os serviços que para ali estão migrando.



Figura04

Não sendo o conjunto tombado ou citado como de interesse histórico, por parte de qualquer das instituições ligadas à preservação do patrimônio arquitetônico da cidade, inibindo ou proibindo modificações; e por se tratar de obra sem valor de antiguidade, sem valor artístico excepcional, e, finalmente, sem valor material considerável (a não ser o de localização, que é do solo, e não da edificação), foi impossível sustentar o argumento da preservação das feições originais do imóvel.

Enfim, os obstáculos de ordem econômica e cultural que dificultam a preservação material de bens do passado recente, se ampliam quando se trata dos conjuntos habitacionais populares, como o Conjunto do Miramar. Ainda que esteja germinando um despertar para a importância de se preservar obras da modernidade, e que nele se vislumbre também a preservação de obras

ordinárias, e não apenas de obras excepcionais, não é de se crer que o Conjunto do Miramar, dado o ritmo acelerado de sua descaracterização, sobreviva incólume à espera desse despertar.

Por outro lado, efetivamente, não se pode almejar a preservação de tudo em sua feição original. Há que se admitir a necessidade de intervenções adaptativas. Há que se assegurar a continuidade histórica da cidade. Entretanto, seria possível uma via projetual em que tais intervenções adaptativas não significassem, necessariamente, a extinção da identidade formal do objeto e do lugar, ou implicassem o comprometimento da sua continuidade histórica?

A imersão tipológica e a intervenção

Animados pelo desafio contido na questão acima levantada, empreendemos uma análise exploratória para apreensão da morfologia do Conjunto do Miramar, e de outros similares seus da mesma época e condicionantes de produção, visando identificar as categorias da sua gênese formal. Uma postura metodológica talvez melhor descritível pela idéia de *imersão tipológica* - tal como proposta por Francisco de Gracia (1992) ao cotejar os métodos de trabalho da corrente morfológica europeia (Aldo Rossi, Léon Krier, Robert Krier, entre outros).

À parte o saudosismo dos morfologistas europeus, sobretudo quando traduzido em um certo desdém pela arquitetura moderna, a adoção dos princípios da abordagem morfológica é pertinente para intervenções no construído, mesmo quando não se trata, como aqui, da cidade tradicional. Isto particularmente no que concerne a afirmação do vínculo entre a arquitetura e o lugar, entre a tipologia dos edifícios e a morfologia urbana, desencorajando a intervenção individualista, narcisista.

Nossa análise ancorou-se em percursos realizados pelo bairro, em busca dos seus elementos morfológicos mais significativos. Embora o bairro já apresentasse, então, uma quantidade considerável de elementos estranhos à sua gênese formal, a ponto de comprometer, em muitos dos seus recantos, a sua autenticidade, não foi difícil garimpar os elementos visuais determinantes de sua morfologia original, revelados, na escala da rua, pelos edifícios e as relações que estes estabelecem com o espaço, a diversidade e recorrência de combinações de formas, planos (verticais horizontais, inclinados) de coberturas e fachadas, muros e portões, pormenores construtivos, materiais, cores e texturas.

Casas térreas, ao centro dos lotes, contornadas por singelos jardins frontais e laterais e por pomares frondosos nos quintais - que conferem um aspecto ameno ao lugar, apesar da quase inexistência de árvores nas ruas - projetando contra o céu inquietos planos de telhado, em água única ou em duas águas defasadas, são os primeiros elementos visuais que saltam à vista do observador (figura 05).



Figura 05

Muros baixos, utilizando fartamente cobogós de padrões populares variados, estabelecem, sem comprometer a privacidade dos moradores, a permeabilidade entre o público (a rua) e o privado (o lote, a casa), pedra angular do receituário modernista (figura 06).



Figura 06

A cor branca e os tons claros predominam nas fachadas sombreadas pelos beirais dos telhados de cerâmica. “Pestanas” delgadas de concreto, à guisa de *brise-soleil*, emolduram janelas convencionais; e furinhos alinhados buscam arejar os “colchões de ar” entre os forros e telhados. Aqui acolá uma coluna inclinada em concreto ou tubo metálico, às vezes em “V” ou paralelas em grupos de duas ou três (figura 07)...



Figura 07

...tudo tão característico do “estilo funcional” - que incorporava elementos formais do modernismo erudito a construções convencionais, e constitui uma representação arquitetônica da aspiração das camadas populares brasileiras à modernidade, cuja memória caberia preservar (Lara, 2005).

Frente ao reconhecimento das qualidades intrínsecas do bairro, e ao inexorável da demanda do cliente quanto à renovação da imagem do edifício, procuramos, através do recurso à reinterpretação e à analogia, propor uma rearquitetura que mantivesse vínculos com a sintaxe formal original do edifício e do bairro (figura 08).



Figura 08

A manutenção da escala original do edifício, dos recuos e massas verdes circundantes, e a reinterpretação, mesmo reiteração, dos elementos morfológicos significativos identificados na imersão tipológica acima descrita, foram os fundamentos da intervenção. Porém sem ceder ao equívoco do mimetismo e da estilização, isto é, da manipulação de elementos formais com intenção meramente plástico-decorativa, desvinculada do conteúdo ontológico do antigo e do novo objeto (figuras 09 e 10).



Figura 09



Figura 10

A reinterpretação/analogia, como fundamento da ação contextual, e a imersão tipológica, como método de leitura, são essenciais para a intervenção na arquitetura do ontem. Entretanto há algo que emana da forma arquitetônica e que a faz resistir à transformação e à re-significação (Gregotti, 1975). Algo que a mecânica dos métodos não garante a apreensão. Algo que é **ditado** pelo próprio edifício, e que, portanto, não depende apenas de uma **leitura** do arquiteto, mas da mobilização de todos os seus sentidos, num diálogo sensorial necessário com a matéria arquitetônica objeto de sua ação.

Considerações finais

A discussão sobre o resultado, em si, dessa intervenção é menos importante que a reflexão metodológica que ela ensejou. Como dissemos no início, essa experiência foi encarada como uma missão didática. Isto, num duplo sentido:

Primeiro, como verificação, quiçá demonstração, da possibilidade de se realizar operações de rearquitetura (reciclagem, requalificação) de exemplares arquitetônicos de um passado recente, sem que isso represente a extinção da sintaxe formal original do objeto e do lugar, ou implique o comprometimento da sua continuidade histórica.

Segundo, como oportunidade de documentar o processo de tomada de decisões projetuais, e investigar (quase acarear) limites, aplicabilidade e questões imanentes de métodos e posturas discutidos pela literatura especializada, tais como: a ação contextual e a imersão tipológica sugeridas pela escola morfológica (Rossi, 1981; Lamas, 1986); o desafio que representa a tênue fronteira entre o equívoco da arquitetura mimética e os recursos da reinterpretação/analogia (Gracia); e a resistência da matéria à transformação e à re-significação (Gregotti, 1975), enquanto problemas inerentes à historicidade da arquitetura.

Referências bibliográficas

GRACIA, Francisco de. Construir en lo construido: La arquitectura como modificación. Madrid: Nerea, 1992.

GREGOTTI, Victorio. Território da arquitetura. São Paulo: Perspectiva, 1975.

LAMAS, J. M. R. Garcia. Morfologia urbana e desenho da cidade. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/ JNICT, 1986.

LARA, Fernando. A estranha leveza da modernidade. São Paulo: Vitruvius, 2005. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq276>> Acesso em 16 out. 2006: 22:35:16.

ROSSI, Aldo. La arquitectura de la ciudad. Barcelona: Gustavo Gili, 1981.